

A VISÃO DAS PROFESSORAS SOBRE CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO

TEACHER'S VISION ON TEACHING CONTEXTUALIZATION

Tamara Formentin Julia¹

Antonio Serafim Pereira²

RESUMO: O presente artigo decorre do estudo realizado em uma escola da rede municipal de ensino localizada em Criciúma (SC), com o objetivo geral de compreender a visão das professoras do ensino fundamental anos iniciais em relação à contextualização no ensino, por meio de uma entrevista semiestruturada. O texto destaca as perspectivas teóricas da contextualização no ensino, tendo como base as concepções de Araujo e Meneses (2005), Pereira (2014) e Pinheiro (2012). Na sequência aborda a metodologia e a análise de dados obtidos, por fim, nas considerações finais destaca-se que, por meio da pesquisa, a contextualização do ensino possui diferentes sentidos na visão das professoras pesquisadas, e em qualquer sentido constitui aspecto norteador fundamental da prática pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Contextualização. Ensino. Professoras.

ABSTRACT: This article is based on a study carried out in a municipal school located in Criciúma (SC), with the general objective of understanding the view of elementary school teachers in the early years regarding the contextualization in teaching, through a semi-structured interview. The text highlights the theoretical perspectives of contextualization in teaching, based on the conceptions of Araujo and Meneses (2005), Pereira (2014) and Pinheiro (2012). In the following, it approaches the methodology and the data analysis obtained, finally, in the final considerations it is emphasized that, through the research, the contextualization of the teaching has different senses in the vision of the researched teachers, and in any sense constitutes fundamental guiding aspect of the pedagogical practice.

KEYWORDS: Contextualization. Teaching. Teachers.

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, entende-se a contextualização como articulação e diálogo, mantendo formas de aproximar a teoria com a prática, de modo a confrontar os

¹ Graduada em Pedagogia da UNESC. tamara-formentin@hotmail.com

² Doutor em educação (PUC-RS) e Pós-doutorado em Ciências Humanas e Sociais (UBA, Argentina). Docente Pesquisador da Unesc. aps@unesc.net

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

conhecimentos escolares adquiridos pelos alunos na sociedade, o que valoriza também os conhecimentos extra-escolares. Compreende-se, assim, que não se restringe somente conteúdos escolares, uma vez que abrange o cotidiano da escola e fora dela, envolve relações de classes sociais e questões étnico-raciais, de gênero, de orientação sexual, de religião, entre outros. De tal maneira, vincula a educação escolar com as práticas sociais.

Portanto, a contextualização tem o intuito de associar os conhecimentos escolares aos alunos, que será mais do que um espectador, como costumava ser no ensino tradicional, contribuindo para que se torne protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem. Em consequência disso, o estudo realizado se centrou-se no tema: A visão das professoras sobre contextualização no ensino. O interesse por essa proposição se dá a partir das experiências vividas em escolas da rede municipal de Criciúma (SC,) na região da grande Santa Luzia, em condição de docente estagiária.

Por tais experiências, observou-se que muitos professores não utilizavam a contextualização dos conhecimentos em sala de aula. Situação agravada pelo fato de que os alunos quase sempre esperam o professor “passar” o conteúdo no quadro, permanecem em silêncio mútuo, possuem pouca interação com o professor e com os próprios colegas. Na maioria das vezes, o professor utilizava de um livro didático ou material impresso para transmitir o conteúdo, transcrevendo para o quadro tudo o que constava no papel para que os alunos copiassem em seus cadernos como uma única forma de ensino.

A discussão sobre a contextualização no ensino é relevante pelo fato de ser um princípio que orienta no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno, qualificando melhor o processo de ensino. Por essa razão, a pesquisa buscou responder o seguinte problema: Qual a visão das professoras do ensino fundamental, anos iniciais, referente à contextualização do ensino?, tendo, obviamente, como objetivo geral: compreender a visão das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental em relação à contextualização no ensino. A partir deste, elencou-se os seguintes objetivos específicos: revisar a teoria sobre contextualização no ensino; identificar a visão do professor sobre contextualização no ensino; aproximar aos princípios curriculares do PPP e BNCC a visão das professoras sobre contextualização.

Desse modo, o presente artigo apresenta, inicialmente, a fundamentação teórica constituída dos seguintes temas: Contextualização do ensino: perspectivas teóricas; BNCC: a contextualização como princípio de ensino; a contextualização do ensino no PPP da escola. Posteriormente, descreve a metodologia; os instrumentos utilizados na pesquisa; a análise e interpretação dos dados.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A utilização da contextualização no ensino é um dos princípios que a escola e o professor utiliza para tirar o aluno da condição de espectador passivo, contribui para torná-lo um cidadão com senso crítico, pela consideração de seus saberes e experiências no confronto com os conteúdos escolares.

Para Araujo e Menezes (2005), a realidade é o chão sobre o qual o educador/educando constrói vínculos, considerando que a vivência não é um elemento externo na aprendizagem, por isso tem implicação significativa na ação pedagógica.

Em seus estudos referentes à contextualização, Pinheiro (2012) observa que, ainda, não há um conceito concreto que evidencia a contextualização como um sentido único e estável, mas se refere a um conceito que varia, não somente de denominação, como também em seu significado.

A compreensão plena deste termo implica muita discussão, pois, existem várias definições e estas dependem do ponto de vista e da vivência de cada um, da experiência educacional, que é particular. Ainda que a noção do termo contextualização não se configure como um sentido unívoco e preciso, o certo é que há uma compreensão comum, por parte dos seus diversos teóricos, quanto à sua importância para a aprendizagem e na necessidade de relação de significados na procura do conhecimento (PINHEIRO, 2012, p. 9).

Quanto ao significado da palavra contextualização pode ser designado como realidade, cotidiano, experiências vividas, entre outros termos. Por exemplo Araujo e Menezes (2005) atribuem à contextualização o sentido de descolonizar os conhecimentos, desconstruir a verdade, impulsionando os saberes e experiências locais para ressignificar e reconstruir os saberes e conceitos globais e não o contrário.

Pereira (2014) defende que o professor deve considerar os conhecimentos prévios dos alunos e seus respectivos pontos de vista. Porém, com o intuito de ir além dos sentidos já estabelecidos por suas vivências, utilizando o que ele chama de contextualização crítica. Já para Pinheiro (2012), a contextualização é considerada quando são articulados os conhecimentos prévios e o cotidiano dos alunos aos conhecimentos escolares.

Dessa forma, ambos os autores consideram a realidade do aluno ao utilizar a contextualização. Entretanto, pode-se identificar que a nomenclatura varia de autor para autor, mas o princípio continua o mesmo.

Partindo do ponto de vista dos autores Araujo e Menezes (2005), como também de Pereira (2014), o ensino contextualizado busca entender como as pessoas constroem e se constroem utilizando seus conhecimentos e vivências, relações e/ou construções dos saberes, para ressignificar ou significar conhecimentos diversos.

Da mesma forma, Pinheiro (2012, p. 9) defende que “a escola deve contribuir para à formação do aluno vendo-o o como pessoa humana, crítica e reflexiva frente a realidade em que vive”. Sendo assim, fica claro o poder da escola na valorização intelectual e pessoal do aluno, pois a ideia de desenvolver cidadãos e profissionais emancipados vai muito além do que a simples transmissão de conhecimento. Dessa maneira, a contextualização possui como objetivo desenvolver uma aprendizagem significativa em sala de aula por meio da prática utilizada pelo professor ao mediar o conteúdo ao aluno, tornando-o protagonista de seu próprio conhecimento.

É importante destacar que tanto Pinheiro (2012) como Araujo e Menezes (2005) concordam com o modo de trabalhar um currículo contextualizado, o que torna a educação um espaço de formação de homens, referindo-se a uma educação crítica com referência a cultura, política, de forma específica e diversa.

Da mesma forma, Pereira (2014) afirma que a contextualização escolar vinculada com um currículo questionador, auxilia no fortalecimento das narrativas pessoais, tal como, fortalecer sua autonomia crítica e autocríticas, para que então possam se reconhecer no contexto, e ultrapassar à visão cotidiana.

Entretanto, Pinheiro (2012) evidenciou em sua pesquisa que as situações de aprendizagens na escola, muitas vezes, não estão ligadas à construção de um conhecimento

significativo, mas envolvem atividades de memorização. Assim, desqualifica a elaboração de estratégias para a resolução de problemas e ampliação do conhecimento, tanto que os conhecimentos prévios dos alunos não são considerados na construção de significados.

Ainda, nessa perspectiva, Pinheiro (2012 p. 07) contribui dizendo que “[...] ao proporcionar atividades que não contemplam a realidade imediata dos alunos, formar-se-ão indivíduos treinados para repetir conceitos, aplicar formas e armazenar termos”. Verifica-se que a contextualização está ligada ao desejo de aprender e o professor é capaz de proporcionar para o educando experiências e atividades que estabeleçam um paralelo entre teoria e prática, dando significado para aquilo que o aluno aprende e, assim, faça com que o desejo de aprender aconteça.

Para o método tradicional não se propagar em sala de aula, Pereira (2014) refere-se à importância de uma formação inicial contextualizada e com profundidade, como, também, de uma formação continuada, com o propósito de estar sempre atento às mudanças que acontecem no mundo pedagógico no cenário contemporâneo.

O professor precisa ter consciência das contribuições que seu trabalho pode proporcionar ao aluno, conhecendo o valor do que faz e estando em constantes pesquisas e reflexões sobre seu trabalho. Aquele professor que não se atualiza pela formação continuada ou pesquisas independentes não está a par das mudanças ocorridas nos processos pedagógicos.

A concepção de uma educação contextualizada, segundo Araujo e Menezes (2005), permite-nos compreender que as pessoas se articulam e articulam seus conhecimentos conforme o contexto. Ademais, interligam os saberes locais com os conhecimentos globais, fazendo com que isso seja um campo de transgressão e que possibilite a criação.

Araujo e Menezes (2005) afirmam que o ensino contextualizado impulsiona para uma educação na qual não se ignore diferenças culturais, de gênero, de raça, de cor, de sexo. Mas impulsiona a descolonização dos conhecimentos, de modo a reconhecer e conviver com as diferenças. Ainda, na reflexão dos autores, pluralidade, contradições, complexidades e flexibilidade são princípios que devem nortear a contextualização.

Na relação contextualização e ensino, Pereira (2014) destaca três possibilidades, sendo: realidade apresentada ou reproduzida; realidade ou contextualização crítica; e Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

propositivo-transformadora. A primeira, a realidade apresentada é a “contextualização transmitida ao aluno pelo professor sob a forma de demonstração, exemplificação e aplicação de princípios, fatos e situações da chamada realidade objetiva [...]” (PEREIRA, 2014, p. 69), ou seja, é o que circula próximo tanto do professor como do aluno. Dada a sua característica reprodutiva essa abordagem pode ser prejudicial ao processo de desenvolvimento e autonomia do aluno, pois gera uma visão reduzida dos fatos concebidos.

Já a realidade ou contextualização crítica é aquela que se atribui aos significados elaborados pelo aluno diante da mediação do professor, sobre conteúdos ou contextos que ambos se interessem em compreender. Dessa ação, pode-se ocorrer a confirmação, revisão ou ampliação dos conceitos que se conferiu a uma nova situação contextualizada seja em função de recentes esquemas e critérios de estudo, ou melhor, pela contribuição das visões compartilhadas na interação no processo de análise da situação problema. Geralmente, coloca em dúvida o conhecimento, as interpretações que permeiam a realidade.

Por fim, a realidade propositiva-transformadora se caracteriza como possibilidade de transformar o conhecimento adquirido, contextualização crítica. Querendo oferecer novas referências, hipóteses, alternativas, para poder confrontar suas visões atuais, de forma individual ou em grupo, com o objetivo de criar relações mais democráticas, igualitárias e justas.

Do mesmo modo que Pereira (2014) expõe sua ideia ao afirmar que a consideração da realidade do aluno em sala de aula depende de como o professor entende esse conceito, Pinheiro (2012) diz que a contextualização não pode ser compreendida como uma concepção que limita o contexto, mas que amplia e utiliza também os contextos globais. Como os autores revelam, deve ultrapassar os conceitos dos conteúdos que são utilizados na escola atualmente, de tal forma que devem ser compreendidos em diversas dimensões.

Nesse sentido, vale a reflexão de Pereira (2014 p. 31):

Isso significa fortalecer as narrativas das pessoas, suas histórias, suas críticas e autocríticas, para que possam se reconhecer no contexto e transcender à visão rotineira e ofuscante do cotidiano, agindo e interferindo de forma consequente, necessária e consciente para transformá-la a favor da vida verdadeiramente humana.

Com isso, é necessário compreender que a realidade não possui uma natureza única. Assim afirma Pereira (2014 p. 67), “logo, aprisionar a realidade num conceito generalizável significa reduzi-la ao nada porque ela inexistente”, considerando que as pessoas desenvolvem pensamentos e significados conforme seus interesses teóricos, políticos, culturais, econômicos.

Com essas reflexões, pode-se observar que a contextualização possui formas de ser dirigida pelos professores. Portanto, a maneira de se utilizar esse princípio dirige-se a forma de utilizar a contextualização em sala de aula. Não é apenas usar a realidade, mas sim saber como usar esse princípio.

2.1 BNCC: A CONTEXTUALIZAÇÃO COMO PRINCÍPIO DE ENSINO

Neste tópico, volta-se o olhar para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com o objetivo de identificar como a contextualização se expressa como princípio nesse documento, no que se refere a Competências Gerais, tal como a Base Nacional Comum Curricular e currículos. Analisando os dois eixos foi possível identificar que contextualização se expressa por duas formas: contextualização como princípio e contextualização como metodologia.

Na BNCC, a primeira competência valoriza e utiliza os conhecimentos, como citado a seguir: “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2017). Desse modo, constata-se que a contextualização aparece como princípio, visto que quando a BNCC se apropria das palavras “entender e explicar a realidade” mostra um sentido de contextualização.

Nessa perspectiva, a terceira competência diz que: “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2017, p. 9). Tal como antes, essa competência também dá sentido ao princípio da contextualização, pois as palavras “valorizar

e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais” também dão sentido ao princípio da contextualização.

Ao analisar a BNCC e currículos observou-se que ela possui um papel associado às aprendizagens, por dar suporte à educação básica e definir para cada etapa as aprendizagens essenciais dos alunos.

Tais aprendizagens só se concretizam por intermédio de conjuntos que caracterizam o currículo em ações, adequando as realidades locais dos alunos na BNCC, considerando a autonomia das instituições de ensino, como também o contexto e as características dos docentes.

Com isso, quando se voltam os olhares para a BNCC e currículos nota-se outro ângulo da contextualização. Em seu primeiro tópico a base cita que:

Contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas (BRASIL, 2017, p. 17).

Nessa citação, pode-se observar que a base curricular mostra utilizar a contextualização em sala de aula, quando diz que “contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares [...]”, dando sentido a metodologia da contextualização.

Selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização, etc.; (BRASIL, 2017, p.17).

Ademais, a BNCC expressa a metodologia da contextualização ao citar que “trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos [...]”, mostrando como utilizar a contextualização em sala de aula, como também identifica-se que a contextualização aparece como princípio, pois não aparece a palavra contextualização, mas sim “diferentes grupos”, dando sentido a contextualização.

Portanto, diante desta análise, constate-se que a contextualização está inclusa na BNCC como princípio que pode ser utilizado pelo professor, com o objetivo de situar o professor/escola, identificando onde e como aplicá-la em sala de aula, colaborando também Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

em tornar as pessoas emancipadas, visto que todos têm o direito de ser quem somos e de se sentir contemplado e valorizado em seu meio social e fora dela.

2.2 A CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO NO PPP DA ESCOLA

Este tópico aborda os sentidos que a contextualização possui no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola pesquisada (município de Criciúma-SC).

O referido PPP almeja a construção de uma nova escola, voltada para o desenvolvimento dos alunos, professores e comunidade escolar. Possui projetos articulados e integrados com ações pedagógicas que envolvem toda a escola, de modo a valorizar o diálogo, a união, o trabalho coletivo de forma cooperativa, democrática e participativa.

Além disso, o PPP expressa em seu “Foco principal” a intenção de proporcionar aos alunos práticas que lhes permitam aprimorar os conteúdos culturais e sociais de maneira crítica, construtiva e contextualizada, sem, no entanto, especificar qual o sentido dessa última – a contextualização.

Constata-se também que em seu objetivo geral a palavra contextualização está oculta, pois não a cita expressivamente, mas diz que há indícios de preocupação com a contextualização, considerando seu conteúdo, “tomar os alunos cidadãos autônomos e como um ser único mais coletivo” (PPP, 2019, p.04), o que dá sentido ao princípio da contextualização.

A mesma linguagem expressa no objetivo geral está nos objetivos específicos, ao mencionar que “desenvolver conteúdos derivados do cotidiano do educador, utilizando situações que apareçam em sala de aula, discutindo e informando através dos temas transversais” (PPP, 2019, p.04). Nessas situações, pode-se observar que existe uma ambiguidade nas palavras interdisciplinaridade e temas transversais quando se fala de contextualização no PPP, pois, essa prática apareceu nos três objetivos específicos da escola, entretanto, com sinônimos diferentes.

No que diz respeito aos conteúdos, a contextualização aparece nitidamente como um princípio e desenvolvimento da aprendizagem, dando sentido que para desenvolver a aprendizagem significativa é preciso utilizar a contextualização.

Desejamos que sejam significativos e contextualizados. Nesse sentido, os conteúdos devem ir ao encontro da realidade, do interesse da necessidade dos alunos respeitando-se as especificações de cada contexto, mas também as dimensões mais amplas. Temas atuais como ética, cidadania, drogas, sexualidade, meio ambiente devem ser sempre preservados. (PPP, 2019, p.20)

Ao cruzar os objetivos e os conteúdos expressos no PPP, é possível identificar que a escola se apropria do ensino contextualizado para ampliar a visão de seus alunos, entretanto não deixa explícito em seus documentos esse uso, mas fica claro a preocupação que a instituição possui perante a aprendizagem de seus docentes.

3 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para compreender a visão das professoras sobre contextualização do ensino utilizou-se à pesquisa de campo exploratório-descritiva, conduzida numa perspectiva qualitativa, para melhor análise do problema. Segundo Gil (1991, p. 45), geralmente, na pesquisa exploratória o pesquisador trabalha com o “levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão”.

A coleta de dados foi realizada no município de Criciúma, com cinco professoras de uma escola pública municipal, fazendo uso da entrevista semiestruturada, segundo LUDKE e ANDRÉ (1986, p.34), a entrevista semiestruturada “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”.

As entrevistas foram feitas, primeiramente, com a entrega do termo de consentimento à instituição e após, o termo para as professoras, esclarecendo que não seria identificado a escola e os nomes das professoras entrevistadas, tendo como sujeitos cinco professoras da escola municipal, sendo uma professora para cada ano das séries iniciais.

Os nomes das envolvidas foram preservados, para resguardar suas identidades, sendo usado pseudônimos: P1 (para a professora do primeiro ano), P2 (para a professora do segundo ano), P3 (para a professora do terceiro ano), P4 (para a professora do quarto ano) e P5 (para a professora do quinto ano).

A professora P1 possui 45 anos e atua há 20 anos como docente; a P2 que tem 37 anos e trabalha há 10 anos na área. A P3 completou 47 anos, tendo 29 de profissão, sendo a professora com mais experiência na carreira pedagógica; a P4, possui 35 anos e 9 anos de carreira no magistério, é a professora mais nova do grupo de pesquisadas; a P5, de 43 anos de idade e 16 anos de docência. (QUADRO 1)

Quadro 1: Perfil das professoras pesquisadas

| PROFESSORAS | IDADE | ANO | TEMPO DE SERVIÇO |
|-------------|---------|--------|------------------|
| P1 | 45 anos | 1º ano | 20 anos |
| P2 | 37 anos | 2º ano | 10 anos |
| P3 | 47 anos | 3º ano | 29 anos |
| P4 | 35 anos | 4º ano | 9 anos |
| P5 | 43 anos | 5º ano | 16 anos |

Fonte: elaborada pela autora.

As professoras foram entrevistadas individualmente conforme a disponibilidade de horário de cada uma. Com o auxílio de gravador, as perguntas foram feitas para que as professoras respondessem com espontaneidade, sendo que algumas questões foram modificadas ou ampliadas no decorrer da entrevista.

Após gravação, as falas foram transcritas de forma bruta, sem excluir qualquer fala das entrevistadas, para poderem ser melhor analisadas.

Os dados obtidos foram analisados a partir das categorias originárias do roteiro da entrevista. Assim, as categorias são: ao significado da contextualização no ensino; ao elemento principal na contextualização; à contextualização, na prática; e à contribuição da contextualização no ensino.

3.1 SIGNIFICADO DA CONTEXTUALIZAÇÃO

Com relação a primeira categoria que se refere ao significado da contextualização no ensino, as professoras P2 e P4 deixaram claro que a contextualização se dá pelo concreto, em trazer instrumentos para a sala de aula com o intuito de os alunos observarem e manusearem, trabalhando com aquilo que eles conhecem, relatando o surgimento do objeto

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

em estudo. Para isso, P2 dá um exemplo “se você vai trabalhar uma fábula, não vai só jogar a fábula, tem que trazer para a criança de onde ela veio, o que significa, para que serve”. Portanto, pode-se considerar que em algumas situações ambas as professoras desconsideram os conhecimentos dos alunos e utilizam o concreto como princípio da contextualização.

As professoras P3 e P5 têm como significado da contextualização a articulação/integração dos conteúdos, pois acreditam que ela se dá a partir da globalização dos conteúdos escolares, dando continuidade e uma maior abrangência de todos os conteúdos trabalhados durante o ano letivo, como aponta P5: “conseguir interligar o assunto em todas as disciplinas”. Considerando tal visão, foi possível identificar que as duas professoras em alguns momentos não consideram a visão dos alunos referente suas vivências, já que se preocupam em seguir o roteiro de aulas disponibilizado pelo município ou livro didático.

Já P1 cita que o significado da contextualização é trabalhar com o diálogo entre professor/aluno, de modo que ambos demonstrem seus conhecimentos e suas vivências, compartilhando e sintetizando o conteúdo, com isso P1 diz que “Uma ligação com a aprendizagem, através da contextualização, eu contextualizando, ele contextualizando, participando de um debate coletivo”, deixando clara a mediação de conteúdo com os alunos.

De acordo com a resposta da entrevistada P1, nota-se uma aproximação entre o pensamento dela e de Araujo e Menezes (2005), quando os autores afirmam que o diálogo estabelece o conhecimento escolar e as possibilidades concretas do meio social no qual a escola está inserida.

3.2 ELEMENTOS PRINCIPAL NA CONTEXTUALIZAÇÃO

Em referência à pergunta que corresponde ao elemento principal na contextualização, podemos observar que segue o mesmo propósito da primeira pergunta, na qual as professoras P2 e P4 destacaram que esse o elemento é o “material pedagógico”, em virtude de levar o concreto para a sala de aula.

Para as professoras P3 e P5, o elemento principal da contextualização corresponde a “vivência dos alunos”, pois acreditam que a vivência está relacionada aos conteúdos escolares, e não aquela em que os alunos compartilham em sala de aula, utilizando a realidade

que Pereira (2014) diz ser a realidade apresentada, quando é o professor que leva a realidade dele para dentro da sala de aula, e não quando é a realidade do aluno.

A professora P1, por sua vez, considera como elemento principal da contextualização o diálogo, salientando que é importante para a aprendizagem dos alunos, mantendo uma visão diferenciada das outras pesquisadas, pois oportuniza aos alunos uma participação ativa das suas aulas, concernente a visão de Meneses e Araujo (2005), mais uma vez, percebe-se estreita relação entre o político e o pedagógico na práxis educativa, uma vez que, segundo os autores, o diálogo tem esse poder.

3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO NA PRÁTICA

Em relação à contextualização na prática, identifica-se que, para as professoras P2 e P4, é utilizado o concreto como recurso didático, mantendo a mesma visão das primeiras perguntas, como P4 diz: “Igual matemática a gente trabalhou dúzias e meia dúzias, então eu trouxe de casa caixinhas de ovos, para a gente trabalhar mais, para eles visualizarem mais com o concreto, que é realmente aonde a gente utiliza né”.

No mesmo viés, P3 e P5 indicam que suas práticas em relação à contextualização estão fortemente baseadas na globalização das disciplinas. Nesse sentido, a professora P3 diz que “muitas vezes não se consegue contextualizar, principalmente com o quinto e quarto ano, porque nós temos outros conteúdos que não conseguimos fazer uma ligação como história com geografia, ou ciências por exemplo”, identificando que se os conteúdos curriculares não se entrelaçarem não é contextualização. Pela ótica de Pinheiro (2012), a autora não considera a globalização somente das disciplinas, mas a globalização do conhecimento, que consiste em construir os conhecimentos de forma global, considerando todas as dimensões do humano. Com isso, ao ensinar se faz necessário considerar as experiências e conhecimentos adquiridos pelo aluno, pois desde o seu nascimento já se encontra envolvido em inúmeras relações.

A professora P1, em relação à prática, diz que: “É, através de debate, de pesquisa, apresentação de trabalho, através de são, feiras, [...] trazendo outros profissionais, e trazendo os próprios colegas da escola pra conversar, e debater o que eles estão apresentando”, e deixa mais uma vez pautado o uso do diálogo na hora de contextualizar.

3.4 CONTRIBUIÇÃO

A quarta pergunta aborda a contribuição da contextualização no ensino, nesse aspecto, foi possível analisar que as pesquisadas responderam de maneiras diferentes, no entanto manteve ligação com suas respostas anteriores, menos a professora P2. A professora P1 acredita que a contextualização, enquanto diálogo faz articulação entre a teoria e a prática, ao falar: “Que coisa mais linda é uma feira, porque o aluno consegue botar em prática o que ele aprende, dá ideia, e os outros verem ele contextualizar o trabalho dele, ele vai discutir, debater, vai defender o pensamento dele”, enfatizando a importância do diálogo.

Enquanto P2, em relação à contribuição da contextualização, diz que “Deixa assim bem aberto pra eles dar a opinião deles ver o que eles estão pensando”, pois em fala anterior essa professora estava mais focada em mostrar o concreto e não abrir diálogo em sala de aula.

A professora P3 coloca que “A criança consegue entender o porquê ela está aqui na escola, o porquê ela aprende determinados conteúdos e porque pode-se utilizar aquilo ali pra vida”, relacionando as interligações dos conteúdos, ajudando os alunos a entenderem o porquê aprender os conteúdos e o porquê aplicar na vida.

Na visão de P4, ela considera o concreto em relação à contribuição da contextualização como melhoria para a aprendizagem, ao dizer que: “ele vai conseguir assimilar mais da aprendizagem”.

Ao passo que P5 afirma que a interligação dos conteúdos em torno de um tema melhora a atividade:

Eu não perco tempo para montar aula de ciências em uma caixinha, de matemática em uma caixinha, de história em uma caixinha, produção textual, texto língua portuguesa em caixinhas, eu consigo pegar o meu texto e trabalhar em todos os links, e ele vai aprender de uma maneira mais eficaz, porque a gente não tem caixinhas, a gente tem uma vivência, e se eu não dividir em caixinhas e trabalhar tudo em um contexto ele vai aprender mais, e a construção é muito importante neste quesito.

Posto isso, percebe-se que as cinco professoras pesquisadas possuem três olhares diferentes em relação à contextualização no ensino, em nível de significação. Por meio da

ótica de Pinheiro (2012), pode-se definir que ao relatar em seu estudo que a contextualização não possui um único conceito concreto, mas se refere a um conceito que varia, não somente de denominação, mas também em seu significado.

Por conseguinte, ao analisar as falas de P2 e P4, fica claro que ambas entendem contextualização como princípio do concreto, pois em todas as respostas elas ressaltam que levam o concreto para a sala de aula, que sem ele a criança não aprende, o que para Pereira (2014) é a realidade apresentada, que já posto em seção anterior, é a realidade que o professor traz para dentro da sala de aula e compartilha com os alunos, pensando ser a realidade de todos. Entretanto o professor está compartilhando a sua própria realidade, prejudicando o conhecimento amplo e global dos alunos, deixando de lado os conhecimentos que a turma pode levantar e discutir, ajudando os alunos a construírem e reconstruírem significados.

Do mesmo modo, ao analisar as professoras P3 e P4, foi possível identificar que tanto uma quanto a outra, percebem a contextualização como articulação dos conteúdos, de modo que a utilizam para trabalhar um conteúdo e diferentes âmbitos, novamente ignorando os conhecimentos prévios dos alunos. Por esse ângulo, Pinheiro (2012) diz que o professor ao proporcionar qualquer atividade que não contemple a vivência de seus alunos formará indivíduos habilitados para somente repetir conceitos e armazenar termos.

A princípio, constata-se que ambas só reproduzem os conteúdos pré-determinados pela escola ou pelo governo, utilizando essa maneira de contextualizar os conteúdos, pois estão mais focadas em dar conta de passar toda a matéria do que, realmente, verificar se a utilização da contextualização está sendo de maneira eficaz.

Com tudo, ao analisar P1, identifica-se que a palavra-chave para essa professora referente à contextualização é o diálogo, pois, segundo Pereira (2014), a realidade apresentada ou contextualização transmitida ocorre pelo intermédio do professor, quando ele transmite para o educando uma realidade que é dele e não do aluno, e torna essa experiência única e absoluta, desqualificando, não questionando as vivências dos discentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada objetivou compreender a visão das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a contextualização do ensino. A partir das entrevistas semiestruturadas, as professoras, de uma forma ou de outra, afirmam utilizar a contextualização em sala de aula.

Em síntese, as pesquisadas disseram utilizar a contextualização em sala de aula, entretanto, com sentido diferente. Pelos dados descritos, embora todas entendam que a contextualização no ensino é essencial para uma aprendizagem significativa, evidencia-se diferenças no significado de contextualização das professoras, que vai desde relacionar contextualização ao chamado ensino concreto a contextualização como diálogo crítico com a realidade.

Como não foram feitas observações da prática das professoras pesquisadas, devido ao pouco tempo da realização para trabalho de pesquisa, não se pode afirmar se as concepções das professora se configuram efetivamente na prática

Por outro lado, a pesquisa desenvolvida possibilitou a ampliação dos conhecimentos em relação ao tema estudado, no entanto, novas pesquisas serão necessárias, especialmente, no sentido de estudar teorias e ações pedagógicas sobre a contextualização no ensino. Por esse caminho se pode construir estratégias sobre formação continuadas, tendo a contextualização como uma das temáticas básicas, uma vez que tal princípio vem expresso tanto na BNCC quanto no PPP da escola das participantes da pesquisa.

Assim, por meio dessa pesquisa, espera-se que as educadoras busquem aprofundar seus conhecimentos sobre os princípios da contextualização, que possui tanta relevância nos dias atuais e o que precisa estar presente nas instituições educacionais, para que se possa formar cidadãos que saibam comunicando-se com a sociedade de forma significativa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lucineide M; MENEZES, Ana Célia S. Currículo, **Contextualização e complexidade**: espaço de interlocução de diferentes saberes. 2005. Disponível em: <https://irpaa.org/publicacoes/artigos/artigo-lucin-ana-celia.pdf> Acesso em: 07/08/2019

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: a educação é a base. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Brasília, DF: MEC/CNE, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_ve rsaofinal_site.pdf. Acesso em: 07/08/2019

CRICIÚMA. Projeto Político Pedagógico. 2018 a 2019.

GIL, A. C. **Técnicas de pesquisa em economia**. São Paulo: 1991.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro E.P.U. 2013.

PEREIRA, A. S. **E por falar em educação...** ensino, formação e gestão. Criciúma, SC: Unesc. 2014.

PINHEIRO, F. M. **Contextualização do saber**: formação inicial dos professores de 1º e 2º ciclo do ensino básico. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência Educação) – Universidade de Lisboa Instituto da Educação, Lisboa, 2012. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7683/3/ulfpie042971_tm.pdf. Acesso em: 07/08/2019